

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO



Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA

COMENTÁRIO DA PROVA DE FILOSOFIA

Pode-se afirmar que a prova não apresentou melhorias nem ficou aquém de suas versões anteriores. Os candidatos, sem dúvida, esperavam algo melhor, mais contextualizado, mais esclarecedor, mais conscientizante, mais politizante, mais próprio e adequado a sua visão de mundo. Mas, não devem ter ficado de todo surpresos, afinal a prova de Filosofia tem sido essa coisa insossa e descompromissada, conforme temos presenciado nesses anos.

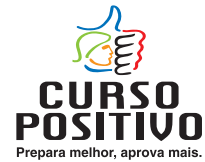
Decepcionante é pouco para comentar uma prova que, em princípio, deveria ser tão relevante para pelo menos dois importantes cursos, como Direito e Medicina. Doce ilusão!

Continuamos esperando uma postura mais engajada com a necessidade urgente de politização e conscientização tão desejada para nosso ensino. Continuamos esperando uma postura mais adequada à dimensão do Ensino Médio e à aspiração de milhares de jovens que se dedicam aos estudos para ingressar nessa tão prestigiada universidade. Continuamos esperando que os professores elaboradores desçam das alturas de sua torre de marfim e passem a encarar de frente e responsabilmente a real situação do Ensino Médio e a necessidade urgente de que a Universidade ofereça uma bússola orientadora para os estudantes.

Enfim, esperamos uma prova que valorize a reflexão criadora de otimismo, inteligência, valores e esperança e não uma prova medíocre e descontextualizada, conforme acabamos de presenciar.

Professores de Filosofia do Curso Positivo.

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO



Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA

O texto a seguir é referência para as questões 01 e 02.

- A mesma grandeza, vista de perto e de longe, não nos parece igual.
- Não parece.
- E os mesmos objetos parecem curvos e retos, para quem os vê na água, e côncavos e convexos por causa da ilusão ótica que as cores produzem, e é evidente que toda essa perturbação está em nossa alma. É agindo sobre essa fraqueza de nossa natureza que a pintura em claro-escuro nada fica a dever à arte do charlatão, como também o ilusionismo e muitos expedientes como esses.
- É verdade.
- Será que a medida, o cálculo e o peso não são vistos como recursos ótimos para que não prevaleça em nós o que parece maior ou menor, mais numeroso ou mais pesado, mas a parte que calcula, que mede ou pesa?
- Sem dúvida.
- Mas, por certo, isso seria obra da razão que há em nossa alma.
- Obra dela, sim.
- Quando alguém mede muitas vezes e indica que umas coisas são maiores ou menores que outras ou iguais, parece-lhe que as mesmas coisas são, ao mesmo tempo, contrárias.
- Sim.
- Não afirmamos que a mesma parte [da alma] não pode ter, ao mesmo tempo, opiniões contrárias sobre as mesmas coisas?
- E nossa afirmação é correta.
- Ah! A parte que julga sem levar em conta a medida não seria a mesma que julga segundo a medida.
- Por certo, não seria.
- Mas a parte que dá crédito à medida e ao cálculo é a melhor parte da alma.
(Platão, *A República*. Livro X, 602c-603a. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 392 – Tradução ligeiramente modificada.)

01 - O texto apresenta uma descrição da relação entre o sujeito que percebe e o objeto observado. Caracterize esse sujeito.

Comentário preliminar para as questões 01 e 02

Para encaminhar uma resposta para estas questões, é importante considerar como Platão concebe a alma humana e sua estrutura tripartida: desejo, emoção e razão (ou medida). Assim, as opiniões que temos sobre as coisas se formam a partir da ilusão que nossos sentidos apresentam. Ou seja, as opiniões não são produções da alma racional, mas sim, produções da parte emotiva, que está fortemente ligada aos sentidos. A ilusão de ótica, por exemplo, não é uma falha da razão, mas sim, uma ilusão criada pela visão que não consegue compreender o que está por trás daquilo que vê. Olhamos para a Lua e a vemos bem pequena no céu (ilusão). Nossa razão, no entanto, nos informa que ela é muito maior que os olhos mostram.

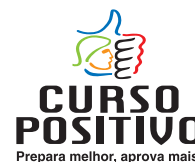
É na parte emotiva da alma, portanto, onde nascem todas as nossas opiniões (doxa). Segundo a classificação platônica da alma, essa parte não oferece conhecimentos “seguros” sobre a realidade, pois pode facilmente confundir as pessoas despreparadas racionalmente.

Platão afirma: a razão como medida. As palavras peso, medida e cálculo estão todas dando sentido ao conceito de razão.

Comentário:

01. Segundo o texto apresentado, o sujeito que observa pode ser caracterizado por sua percepção sensorial, que lhe oferece conhecimentos relativos e inseguros, e por sua capacidade racional, que dá crédito à medida e ao cálculo e lhe apresenta o objeto como ele realmente é.

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO



Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA

02 - Identifique a fundamentação apresentada por Platão para a afirmação de que uma das partes da alma é melhor do que a outra.

Comentário:

Um dos fundamentos da afirmação platônica de uma das partes ser melhor do que outra pode ser encontrada na expressão: “Não afirmamos que a mesma parte [da alma] não pode ter, ao mesmo tempo, opiniões contrárias sobre as mesmas coisas?” Assim, a parte emotiva da alma pode achar um mesmo objeto grande ou pequeno, enquanto que a parte racional, através da medida e do cálculo, tem a noção exata do tamanho deste mesmo objeto.

O texto a seguir é referência para a questão 03.

Os homens trilham os caminhos que levam à glória e à riqueza de formas diversas: uns são cautelosos; outros manhosos; alguns, pacientemente e, outros, precipitadamente. E mesmo por caminhos diferentes, todos podem atingir seus objetivos. Vê-se, outrossim, que entre dois cautelosos, um chega ao que almeja e outro falha, bem como dois, igualmente cautelosos, podem triunfar usando métodos diversos, um a cautela e outro a impetuosidade. Isto se deve às circunstâncias do momento, as quais se conformam ou não com o procedimento de cada um. Daqui se conclui, conforme eu disse, que dois, agindo diversamente, podem chegar ao mesmo resultado vitorioso, enquanto que dois operando de forma idêntica, um triunfa e outro fracassa. Dependem daí também as diferenças do êxito, porque se alguém administra com paciência e cautela, e a época e as coisas se apresentam de tal modo favoráveis, o seu governo será bom e feliz, mas se as circunstâncias mudarem ele se arruína porque não muda o seu comportamento. Não há homem tão sábio que se conforme às mudanças, quer porque não pode contrariar sua natureza, quer porque tendo progredido dentro de um certo sistema não se sente seguro em trocá-lo por outro. O homem naturalmente calmo, quando chega o momento de ser impetuoso não o consegue e isto o derrota, porque se mudasse sua natureza conforme a época e os fatos, não mudaria sua sorte.

(Maquiavel, *O Príncipe*, Capítulo XXV.)

03 - Comente a relação que Maquiavel estabelece entre a natureza dos indivíduos e as circunstâncias, para se atingirem os objetivos visados.

Comentário:

A questão explora mais uma vez um excerto do capítulo XXV e a relação entre a natureza e as circunstâncias, destacando o conselho de Maquiavel de que o Príncipe deve adaptar-se às particularidades das coisas.

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO



Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA

Comentário preliminar para as questões 4, 5 e 6.

A prova escolheu um excerto da parte 6 da obra – sem referenciar! – e sem contextualizar, dando ao aluno unicamente a oportunidade de pensar somente em torno do excerto em si. Julgamos esta opção empobrecedora, visto que nossos alunos foram preparados para reconhecer e analisar contextos, textos, conceitos e relações sobre as principais questões apresentadas pela obra. A questão proporcionou tão somente uma referência restrita ao próprio texto.

O texto a seguir é referência para as questões 04 a 06.

Descartes escreve, na sexta parte do Discurso do Método:

“Jamais notei (...) que, por meio das disputas que se praticam nas escolas, alguém descobrisse alguma verdade até então ignorada, pois enquanto cada qual se empenha em vencer, exercita-se bem mais em fazer valer a verossimilhança do que em pesar as razões de uma parte e de outra parte; e aqueles que foram por muito tempo bons advogados nem por isso são, em seguida, melhores juízes (...)”

Com base nesse texto, responda:

04 - Descartes avalia as disputas praticadas nas escolas segundo a capacidade dessas disputas de conduzir a um certo resultado. Qual? Como Descartes avalia a capacidade dessas disputas de conduzir ao resultado em questão?

Comentário:

As escolas, do que se pode depreender do excerto, buscam a verossimilhança e não a verdade e procuram vencer e não contribuir para um resultado comum, o que, para Descartes, não ajuda ao seu propósito, daí ele desconsiderar essas opiniões.

05 - O texto compara duas atividades. Identifique-as, comentando a relação entre elas.

Comentário:

Bom, só pode ser as funções dos advogados e dos juízes. A relação entre eles se dá pela natureza de suas funções e pelo fato de pertencerem ao mesmo campo de conhecimento. A função dos advogados que a de defender um ponto de vista e a dos juízes que é a de equilibrar demandas diferentes, apresentando a melhor decisão neste sentido. No campo específico de Direito, nenhuma das funções esta relacionada com a verdade. Uma com o convencimento e outra com a paz social. Trata-se, no entanto – e é evidente – de uma metáfora. A pergunta é meio sem sentido e sem propósito. Uma pena!

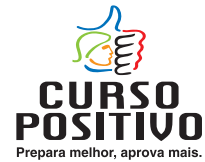
06 - Explique, na linha de raciocínio apresentada no texto, por que o fato de alguém ter sido um bom advogado por muito tempo não garante que se torne melhor juiz.

Comentário:

Como a questão anterior, o que seria necessário estudar para responder a esta questão? Quanta dedicação desperdiçada! E onde reside a objetividade desta pergunta? O que poderia responder? Que um advogado, acostumado a defender opiniões, pontos de vista, buscando o convencimento ao invés da verdade não saberia assumir a função de quem decide o que é verdadeiro, de colaborar para o projeto coletivo aos invés de defender um interesse parcial.

Muito bem, mas e daí?

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO



Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA

O texto a seguir é referência para a questão 07.

- A respeito de cada objeto há três artes: a que visa ao uso, a que visa à fabricação e a que visa à imitação?
- Sim.
- Então a virtude, a beleza, a correção de cada utensílio, animal ou ação não visa senão ao fim a ele destinado por quem o criou ou pela natureza?
- É isso.
- Ah! Não há como evitar que o usuário de cada utensílio seja o mais experiente e seja ele quem diz ao fabricante que resultados, bons ou maus, consegue no uso que dele faz. O flautista, por exemplo, informa o fabricante de flautas sobre as flautas que o ajudam quando flauteia e diz-lhe como deve fabricá-las, e ele o atende.
- Sem dúvida.
- Então, conhecedor que é, um presta informações sobre boas e más flautas e, por ter confiança nele, o outro o atenderá?
- Sim.
- Ah! A respeito de um mesmo objeto, o fabricante terá um crédito merecido sobre o que ele tem de bom ou de mau, porque convive com quem sabe e não pode deixar de dar-lhe ouvidos, mas o usuário terá ciência.
- É bem isso.
- É usando-os que o imitador saberá se os objetos que pinta são belos ou não são, se são bem-feitos ou não, ou sobre eles terá uma opinião correta, porque necessariamente tem contato com os que os conhecem e por eles é instruído a pintá-los como é preciso?
- Nem uma coisa nem outra...
- Ah! O imitador não terá nem ciência nem opinião correta sobre o que pinta. Quanto à beleza ou má qualidade dela.
- Parece que não.

(Platão, *A República*. Livro X, 601d-602a. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 390–91.)

07 - A qual das artes mencionadas no texto cabe a primazia no julgamento dos objetos? Com suas palavras, justifique sua resposta.

Comentário:

A primazia no julgamento dos objetos cabe a arte que visa ao uso.

Aquele que usa o objeto conhece sua essência e sabe como dar as devidas orientações para que o fabricante faça o objeto da forma mais perfeita possível.

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA



Os textos citados a seguir são referência para a questão 08.

Trecho 1

Portanto, os príncipes italianos que durante muitos anos possuíram Estados e depois os perderam, não devem se voltar contra a sorte, mas sim lamentar-se da própria incapacidade. Porque como nunca pensaram, nos tempos tranquilos, que as coisas podem mudar (é natural dos homens não pensarem na tempestade nas horas de bonança), quando surge a adversidade tratam de fugir e não de defender-se, na expectativa de que o povo, cansado com a insolência dos invasores, reclame a sua volta. Tal atitude só é boa quando é a única; mas é má quando se pode optar por outra. Ninguém deve se deixar abater na esperança de que outro o socorra. Isto não acontece. E se acontecer não oferece segurança a quem usou desse expediente, por ser o mesmo aviltante e depender de favor alheio.

(Maquiavel, *O Príncipe*, Capítulo XXIV.)

Trecho 2

Voltando agora ao tema de “ser temido ou amado”, direi que o amor dos homens depende deles enquanto o temor depende da vontade do príncipe e que, assim sendo, um príncipe sábio deve preferir o que depende dele e não dos outros, evitando, apenas, ser odiado.

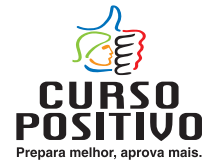
(Maquiavel, *O Príncipe*, Capítulo XVII.)

08 - O que há em comum nos conselhos que Maquiavel oferece ao Príncipe nos dois trechos acima?

Comentário:

Sem dúvida, a elaboração das questões sobre Maquiavel são bem distintas das de Descartes, buscando explorar os aspectos mais relevantes da obra. Neste caso, os excertos referiam-se a convicção de que, para Maquiavel, os homens são volúveis, e o Príncipe deve levar sempre essa máxima em consideração para governar.

PROVA COMENTADA PELOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO



Vestibular UFPR 2009/2010 - 2ª Fase

FILOSOFIA

O texto a seguir é referência para as questões 09 e 10.

Sabemos que o pensamento clássico não dá muita atenção ao animal, à criança, ao primitivo e ao louco. Lembramos que Descartes não via no animal nada além de uma soma de rodas, alavancas, molas, enfim, de uma máquina; (...) Para o pensamento clássico, existe uma razão de direito divino que efetivamente concebe a razão humana como reflexo de uma razão criadora (...)

Com certeza, nem o mundo da criança, nem o do primitivo, nem o do doente, nem, com mais razão ainda, o do animal, na medida em que podemos reconstituí-lo por sua conduta, constituem sistemas coerentes, enquanto, ao contrário, o mundo do homem sadio, adulto e civilizado esforça-se por conquistar essa coerência. Porém, o ponto essencial é que o mundo não tem essa coerência, ela permanece uma ideia ou um limite que de fato jamais é atingido e, conseqüentemente, o 'normal' não pode fechar-se sobre si, ele deve preocupar-se em compreender as anomalias das quais não está totalmente isento. (...)

O pensamento adulto, normal e civilizado é preferível ao pensamento infantil, mórbido ou bárbaro, mas com uma condição, a de que não se considere pensamento de direito divino, que se confronte cada vez mais honestamente com as obscuridades e as dificuldades da vida humana, que não perca contato com as raízes irracionais dessa vida e finalmente que a razão reconheça que seu mundo também é inacabado.

(Merleau-Ponty, *Conversas* - 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 31–35.)

09 - Explícite o papel da coerência na reflexão de Merleau-Ponty acerca do pensamento no trecho citado.

Comentário:

A noção de coerência é usada para demonstrar a impossibilidade de uma visão definitiva e acabada sobre o mundo, uma vez que este mundo não apresenta em si mesmo uma coerência entre as suas partes, afinal é o próprio homem que dá sentido ao mundo.

10 - Aquilo que distingue o pensamento do sadio, adulto e civilizado do pensamento da criança, do primitivo e do doente pode também colocar o pensamento adulto em uma situação inadequada. Explique.

Comentário:

A pretensa coerência que distingue o pensamento do sadio, adulto e civilizado do pensamento da criança, do primitivo e do doente, não coloca este adulto e civilizado numa posição privilegiada. Esta pretensa coerência coloca o adulto civilizado apenas numa determinada perspectiva diante da realidade.